

Primórdios da televisão no Brasil: o olhar jornalístico ¹

Antonio de Andrade ²

Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo:

A memória do surgimento da televisão no Brasil, quase em sua totalidade, tem sido pesquisada tomando-se, como marco inicial, a inauguração da TV Tupi de São Paulo ocorrida em 18 de setembro de 1950. O presente artigo sintetiza os resultados de um projeto desenvolvido na Cátedra Unesco/Umesp de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, tendo por objetivo resgatar e avaliar a maneira como a imprensa escrita abordou a evolução de um conceito – em especial um imaginário – a partir do final do Século XIX, em relação ao que viria a ser o meio eletrônico televisivo. Inúmeros artigos publicados em jornais e revistas foram coletados, permitindo avaliar não apenas o noticiário que vinha do exterior, mas, principalmente, os experimentos e tentativas levadas a cabo por entusiastas e pesquisadores brasileiros antes da inauguração da pioneira emissora de Assis Chateaubriand. A análise do material obtido permitiu uma descrição, detalhada e analítica, dos fatos que redundaram na formação de um imaginário coletivo, em relação ao fato que, na época, ficou alcunhado como “a maravilha do século”.

Palavras-Chave:

Televisão; Memória; Pioneirismo; Visão à distância; Jornalismo.

Texto:

A primeira oportunidade, na qual a imprensa brasileira noticiou, o que na época ficou conhecido por “visão à distância”, surgiu no jornal diário carioca *Gazeta de Notícias* que, na edição de 02 de outubro de 1890, noticiou:³

Quatro eletrecistas ingleses muito conhecidos: Stughes, Preece, Stroh e Roberts acabaram de inventar um aparelho, que denominaram electro-phonoscopio, o qual resolve ao que parece o problema da visão à distancia. Este aparelho aproveita as propriedades activo-eléctricas do selênio.

Na edição de abril a junho de 1895 da *Revista Brasileira*, foi transcrita entrevista com o renomado cientista norte-americano Thomas Edison (1847-1931), concedida em 15 de agosto ao diário *New York Herald*. Na oportunidade o entrevistado declarou:

Eu trabalho sériamente em uma invenção que permitirá a um homem, morando em Wall Street, não só telefonar a um amigo morando em Central Park, mas ver esse amigo durante todo o tempo em que estiver conversando com elle no outro extremo da cidade.

¹ Trabalho apresentado no GT Pensamento Comunicacional do Pensacom Brasil 2018

² Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Membro da Cátedra Unesco/Umesp de Comunicação para o Desenvolvimento Regional.

³ Todas notícias, transcritas na presente comunicação, foram reproduzidas em conformidade com a linguagem ortográfica utilizada na época.

O termo “televisão”, em substituição à expressão “visão à distância” foi utilizado, pela primeira vez, em 1900 quando o francês Constantin Perskyi (1854-1906), a partir da junção de duas expressões: *tele* (longe em grego) e *videre* (ver em latim), utilizou a nomenclatura para identificar um dispositivo de transmissão e recepção de imagens de sua autoria. Tal como ocorreria com inúmeros antecessores tratava-se de mais um esboço teórico, sem impetrar qualquer comprovação prática.

Em 14 de junho de 1901 o diário carioca *O Paiz*, em sua coluna “Inventos Novos”, anunciou o surgimento na Europa do “telephole”, descrito como uma espécie de “telephone visual” ou “telescópio electrico” e que possibilitaria: “deixar-nos ver objectos situados à grande distancia”. Por sua vez, na edição de 19 de junho de 1908 do diário paulista *O Estado de S.Paulo*, foi reproduzido telegrama oriundo da França e que tratava da “Visão a grandes distancias”:

Depois do tentador problema da telephotographia, está na ordem do dia o sympathiko problema, cuja solução nos permitirá ver o que se passa a milhares de léguas – scenas animadas, gestos e movimentos de pessoas, circulação de carruagens, etc. [...] graças a um aparelho, inventado por Armengaud, e apresentado recentemente á Sociedade Franceza de Physica.

Com o advento da cinematografia, em grande parte devida aos experimentos de dois fotógrafos, o inglês Eadweard J. Muybridge a partir de 1872 e, uma década após, pelo francês Étienne Jules Marey, ambos buscando estabelecer um princípio para a geração da imagem em movimento, através da projeção de uma sucessão de fotos fixas, numa velocidade apropriada para produzir a sensação de movimento, graças ao fenômeno fisiológico conhecido como persistência retiniana e que daria origem à projeção cinematográfica. A partir de tais inovações o próximo objetivo a ser alcançado passou a ser a transmissão da imagem em movimento em tempo real, procedimento para o qual já existiam princípios teóricos estabelecidos pelo alemão Paul Nipkow, desde 1884, e que deu origem à denominada “televisão mecânica”.⁴

⁴ Segundo Nipkow qualquer objeto, colocado diante de um disco provido de pequenas perfurações, distribuídas de forma equânime, e acionado por um pequeno motor, resultaria na fragmentação da imagem quando essa atravessasse os orifícios do disco. Uma célula fotossensível de selênio teria o papel de captar e transformar cada fragmento em corrente elétrica, de maior ou menor intensidade de acordo com o a tonalidade do objeto original. A corrente elétrica gerada seria então transportada por fiação para um sistema de recepção, capaz de reconstituir a imagem pela inversão do processo, pelo estímulo ocasionado em uma lâmpada de neon e cuja luminosidade iria variar em função da intensidade dos impulsos recebidos. Tal luminosidade, de caráter descontínuo, seria então transferida para um segundo disco, dotado de perfuração similar ao primeiro,

Algumas descobertas, realizadas por diversos pesquisadores, foram noticiadas com destaque em diversos jornais brasileiros, inclusive com chamadas de primeira página, como ocorreu na edição de 13 de dezembro de 1906 do diário carioca *Correio da Manhã*: “Uma invenção maravilhosa: telephotographia ou a photographia transmittida pelo telegrapho”. A notícia acabou disseminada pelo país, inclusive por periódicos de alcance regional, como foi o caso do diário *Pharol*, publicado na cidade mineira de Juiz de Fora que anotou, na primeira página da edição de 24 de fevereiro de 1907: “A telephotographia: nova invenção do Professor Korn”.

O Estado de S.Paulo publicou, na edição de 19 de junho de 1908, artigo intitulado “A visão a grandes distancias”, oportunidade na qual traçou o estado de arte alcançado no setor:

Depois do tentador problema da telephotographia, está na ordem do dia o sympathico problema, cuja solução nos permitirá vêr o que se passa a milhares de leguas, - scenas animadas, gestos e movimentos de pessoas, circulação de carruagens, etc.

A revista semanal *Fon-Fon*, publicada no Rio de Janeiro, apresentou em 07 de março de 1914, artigo no qual descrevia, o que idealizava, viria a ser a televisão no futuro:

A televisão, transmissão sem fio das ondas luminosas, da photographia, da imagem luminosa, segundo recentes communicados, não está longe de assombrar o mundo. [...] A televisão em estudos não tardará a vir. E será, não a transmissão só de photographias, mas da própria imagem animada, real, o que será um assombro.

Esporadicamente o tema televisão frequentava o noticiário dos jornais e revistas brasileiros na década de 1920, restringindo-se à reprodução de telegramas que abordavam os progressos atingidos nos países em que o meio permanecia em fase de aperfeiçoamento, com destaque para alguns personagens fundamentais: o escocês John Baird (inventor do sistema de televisão mecânica em 1925); o francês Edouard Bellin (sistema mecânico); os norte-americanos Charles Jenkins (aperfeiçoador do sistema mecânico) e Philo

ocasionando a recomposição da imagem original numa sequência de linhas verticais que corresponderiam ao número de perfurações existentes no disco. Dessa forma, quanto maior o número de perfurações existentes no disco, melhor a qualidade da imagem recomposta.

Farnsworth (sistema eletrônico) e o russo, emigrado para os EUA, Vladimir Zworykin (sistema eletrônico).⁵

Efetivamente caberia a John Baird o pioneirismo na transmissão de imagens em movimento ao vivo. Em 07 de janeiro de 1926 um repórter do diário londrino *Evening Standard* esteve na residência de Baird, acompanhando uma sessão de transmissão de imagens ao vivo. O fato ficou registrado em reportagem publicada com destaque na edição do dia seguinte. A notícia correu o mundo, chegando ao Brasil através da matéria “Exploração do aparelho televisão”, publicada em 11 de agosto de 1926 na primeira página de *O Estado de S.Paulo*:

Uma companhia inglesa adquiriu a patente da invenção do aparelho de televisão Baird, cujas experiências foram há pouco realizadas com pleno êxito. Essa empresa já obteve da direção geral dos Correios licença para explorar o invento. Neste momento estão sendo feitas transmissões de figuras animadas e de paisagens com um comprimento de 260 metros, entre a sede da companhia em Londres e a estação experimental de Harrow.

Para os aficionados brasileiros restava lançar mão da imaginação, para tratar do assunto e, pelo menos numa oportunidade, tal propósito surgiria com elevado nível de clareza, através de um exercício de fantasia futurista. Em 10 de novembro de 1928 Assis Chateaubriand, o mesmo que, duas décadas depois, iria se tornar na figura central no processo de inauguração da primeira emissora de televisão no Brasil lançou *O Cruzeiro*, revista semanal de circulação nacional e que, em seu primeiro número, apresentou artigo contendo premonitórias considerações sobre o futuro das comunicações. Em relação à televisão anteviu algumas das funções que o veículo viria a desempenhar numa época futura, a qual designou como o “longínquo ano 2.000”:

[...]sem sair de casa, pode-se ver o que há em qualquer parte da Terra: a televisão, juntada à telephonia, modificou radicalmente os hábitos. Não há necessidade de sair para fazer compras: vê-se, escolhe-se, encomenda-se tudo pelo telephone-televisor automático. Não há mais necessidade de viajar, para ver terras longínquas: é só ligar o receptor, e visita-se, comodamente, qualquer museu, ou qualquer país. Somente os objectos devem ser transportados.

⁵ A televisão eletrônica surgiria com a invenção do tubo de raios catódicos. O feito é creditado a Vladymir Zworykin, um russo emigrado nos Estados Unidos. Em 1923 Zworykin criou o iconoscópio, dispositivo que utilizava tubos de raios catódicos para a captação de imagem. Em 1927 Philo Farnsworth, um jovem norte-americano, desenvolveu um sistema denominado “dissecador de imagens por raios catódicos” e que iria sintetizar todos os progressos obtidos até então, superando assim o processo baseado em dispositivos mecânicos e que apresentava limitações insuperáveis, como a dificuldade de obter uma sincronização perfeita entre os dois motores (transmissão e recepção).

Na metade da década de 1930 a transição do sistema mecânico para o sistema eletrônico era um fato irreversível, tanto na Europa como nos Estados Unidos. No Brasil o cenário em relação à televisão encontrava-se num estágio extremamente incipiente e restrito ao âmbito do radioamadorismo. Vez ou outra surgiam notícias apregoando a “imminente chegada da televisão ao Brasil”. Além de uma tentativa de Roquette Pinto, na *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro* em 1933, utilizando o sistema mecânico, pouco ficou registrado na imprensa escrita da época. Na edição de fevereiro de 1933 a revista *Antenna* apresentou ampla matéria, inclusive ilustrada fotograficamente, informando sobre equipamentos de televisão importados e, em fase de testes, pela Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. O mesmo assunto foi tema de reportagem de *O Paiz* em 25 de outubro de 1933, tendo por título “A Televisão no Rio”:

Podemos dar a boa nova de que o Rio possuirá brevemente uma estação de televisão. A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, estação Rio PRA-2, está procedendo a uma montagem técnica para este fim, e cuja inauguração será feita dentro do menor prazo possível.

Atualizado com o que de mais recente a literatura internacional disponibilizava sobre o assunto, Roquette Pinto tinha plena consciência das limitações do processo mecânico e a inevitabilidade de uma tecnologia mais eficiente na transmissão de imagens. Entrevistado para a edição de 05 de janeiro de 1934 do diário carioca *A Noite* declarou:

A maior novidade, porém, nos domínios da televisão, é o maravilhoso “Iconoscópio” do Dr. V.K. Zworykin da RCA Victor: tubo de raios cathódicos, em cujo interior existe uma placa de 3.000.000 de microscópicas células photo-electricas. A Radio Sociedade já encomendou uma dessas.

O circumspecto *O Estado de S.Paulo* ajudou a propalar um, entre tantos outros mitos que povoavam o imaginário sobre a televisão, pertinentes ao impacto que poderia gerar na moral, bons costumes, hábitos e, inclusive, na saúde dos futuros espectadores. Segundo o diário paulista, na edição de 17 de dezembro de 1935:

A direção da radio-telephonia britannica preveniu as artistas e cantoras que não devem trazer vestidos leves, a não ser de seda artificial, quando em trabalho diante do aparelho de televisão. Com efeito, diz “Star”, de Londres, os raios infravermelhos utilizados na televisão atravessam tecidos leves de lan, seda ou algodão, e os possuidores dos aparelhos de televisão veriam assim, na tela, as artistas...completamente nuas.

Apesar do interesse demonstrado pela imprensa brasileira, o cenário para a poderosa e hegemônica norte-americana RCA (Radio Corporation of America), possuidora das patentes de Charles Jenkins, Vladimir Zworykin e Philo Farnsworth não era dos mais auspiciosos. Leve-se em conta, por exemplo, as palavras de David Sarnoff, registradas em um artigo redigido especialmente para o público brasileiro e publicado na edição de 28 de junho de 1935 de *O Jornal*, carro-chefe entre as diversas publicações do empresário brasileiro Assis Chateaubriand. No artigo que recebeu o título “Está próxima a vulgarização dos televisores?”, Sarnoff delineou um quadro pouco animador, arrolando inúmeras dificuldades que a RCA estava enfrentando, no sentido de introduzir comercialmente a televisão nos Estados Unidos, apesar dos milhões de dólares já investidos:

Só recentemente é que temos vencido em nossos laboratorios os principais obstaculos technicos, considerando sua applicação em um paiz grande como o nosso. Ainda resta muito a fazer. Demais, se levarmos em conta o custo dos programmas, as estações de retransmissão, as fabricas de aparelhos e todos os outros aspectos financeiros do problema, inerentes à introdução da televisão, veremos quão gigantesca é essa tarefa, na sua parte monetaria. [...] Sabemos que a televisão ainda não está prompta para ser introduzida como serviço commercial.

O fato reveste-se de circunstâncias emblemáticas. Primeiramente por tratar-se de longo texto, assinado por importante empresário norte-americano do setor das comunicações e dirigido especificamente ao público brasileiro. Segundo por evidenciar que existiria, há bom tempo, uma relação de proximidade e amizade unindo interesses comuns entre Sarnoff e Chateaubriand. Ao que tudo indica Assis Chateaubriand vinha, de longa data, acompanhando a evolução da tecnologia de transmissão de imagens, ao contrário do que afirmam diversos autores que subestimam a importância do empresário na introdução da televisão no Brasil. Para alguns o apego pelo pioneirismo seria, entre tantas outras, mais uma excentricidade de Chateaubriand, destinada a captar recursos financeiros para seu diversificado complexo de veículos de comunicação, na época o mais poderoso de toda América Latina. Segundo tal argumentação seu interesse pela televisão teria ocorrido na oportunidade de uma visita feita em 1944 na sede da RCA em Nova York e, por gentileza dos anfitriões, acabou tendo contato pela primeira vez com um aparelho de televisão.

Notícias sobre artistas brasileiros, participando da programação de televisão no exterior na década de 1930 são escassas. A pioneira foi a cantora e atriz Laura Suarez que, no início de 1938, fez um roteiro de apresentações pelos Estados Unidos. Na edição de 1º

de fevereiro de 1938 o jornal *A Noite* noticiou, com chamada de primeira página: “Uma graça brasileira pela televisão”:

[...] Laura Suarez, depois de uma carreira musical e dramática brilhante, captou a simpatia do público yankee, graças às canções folk-lóricas brasileiras que aqui apresentou. [...] A National Broadcasting Company decidiu fazer uso de seus raros talentos na nova arte da televisão por sua estação que é a única estação desta natureza existente em Nova York, sem dúvida a mais aperfeiçoada na América.

A repercussão no Brasil foi intensa a ponto do jornal *A Batalha*, na edição de 05 de março de 1938, publicar o seguinte informe comercial: “Os americanos viram e ouviram Laura Suarez pela televisão. Os cariocas vão vel-a e ouvil-a hoje no Casino Copacabana”.

Na edição de 15 de junho de 1939 a revista *Cinearte* publicou artigo, ilustrado com diversas fotos, sobre a soprano e violonista brasileira Olga Coelho, relatando sua apresentação na emissora de televisão da BBC inglesa. Com o título “A televisão na BBC” a artista brasileira, após detalhar as instalações e maneira simpática como foi recebida na sede da emissora, descreveu em detalhes sua apresentação de Xangô de autoria de Villa-Lobos:

[...] Quando Xangô foi televisionado, disseram-me os que viram e ouviram, o quadro acentuou singularmente a intensidade frenética do canto e, no final, em close-up, o movimento vivo das mãos, executando o batuque que criei em meu arranjo para violão, na vigorosa peça de Villa-Lobos.

No período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial o governo alemão promoveu, inúmeras iniciativas diplomáticas no sentido de compor parceria em diversas instancias da administração federal brasileira. Tais ações eram firmemente apoiadas e estimuladas por ministros e colaboradores próximos a Getúlio Vargas, declaradamente simpatizantes do fascismo italiano e do nazismo alemão Exemplo dessa proximidade remonta a 1936, portanto pouco antes da implantação do autoritário Estado Novo que aconteceria no ano seguinte. Em 10 de novembro de 1936 o jornal *A Batalha* noticiou:

O Ministério de Imprensa e Propaganda da Alemanha pela sua Directoria de Radio Diffusão, ofereceu ao Departamento de Propaganda do Brasil um magnífico film sobre televisão com legendas em portuguez. [...] Trata-se de um trabalho minucioso e interessantíssimo no qual são demonstradas as experiências realizadas e os resultados práticos já obtidos na Alemanha.

Em junho de 1939 a empresa alemã Telefunken, renomada fabricante de aparelhos de rádio e de televisão enviou ao Brasil equipamentos, equipe técnica e um completo estúdio de televisão que foi instalado na Feira de Amostras do Rio de Janeiro. Tratava-se de

aparelhamento cuja tecnologia fora testada, com significativo sucesso, por ocasião dos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936, conforme noticiou *A Noite* na edição de 09 de setembro de 1936:

O publico numeroso e entusiasta que compareceu ao estadyo olympico para assistir as empolgantes provas athleticas ali disputadas,teve sua atenção atraída para o curioso aparelho que a gravura reproduz. Trata-se de uma camara de televisão, cuja lente de grande diametro e de potentíssima luminosidade, focalizava os aspectos mais interessantes do Torneio e os retransmitia a longas distancias, onde os mesmos eram projectados em telas especialmente construidas.

Nos Estados Unidos, no final de 1938 a RCA surpreendeu o mercado, anunciando sua intenção de apresentar, pela primeira vez, um moderno e inédito equipamento de televisão eletrônica na Feira Mundial de Nova York, megaevento previsto para ter início em maio de 1939. Tratava-se, segundo a RCA, da primeira emissora de televisão totalmente eletrônica em todo mundo, contando com uma grade de programação já definida, além de propiciar aos interessados a possibilidade de adquirir aparelhos receptores a um valor acessível, com uma qualidade de imagem superior a tudo o que tinha sido visto até então.

Para tanto, a partir de 30 de maio de 1939 a RCA passou a transmitir uma programação diária para a cidade de Nova York, fato que seria noticiado com acatada credibilidade pelo *New York Times* que tratou, no dia seguinte, de comentar que a inovação jamais seria uma séria competidora para o rádio⁶.

No Brasil coube ao diário *O Estado de S.Paulo* informar, quando da abertura da Feira Mundial em 30 de abril de 1939, o início das transmissões em artigo de primeira página com o título: “Inaugura-se hoje a Feira Mundial de Nova York”:

A maior exposição da terra abrirá amanhã os seus portões a todos os povos do mundo.[...] A televisão terá a sua estréia oficial nos Estados Unidos, quando o presidente Roosevelt pronunciar o discurso de inauguração.

Por motivo de segurança seriam suspensas as transmissões de televisão nos países aliados, especialmente Inglaterra, Estados Unidos, França e União Soviética, a partir do início da Segunda Guerra em 1939, quando recursos e estratégias foram transferidos para o desenvolvimento da tecnologia de comunicação militar, em especial o aprimoramento do

⁶ No dia seguinte o *New York Times* , comentando a inauguração da emissora da RCA, noticiou: “The problem with television is that the people must sit and keep their eyes glued on a screen. The average American family hasn’t time for it. For this reason, if for no other, television will never be a serious competitor to radio”.

radar. A televisão alemã, funcionando regularmente desde as Olimpíadas de Berlim em 1936, manteria suas transmissões regulares até o início da denominada “virada” em 1943, ocasião no qual as tropas aliadas começaram a reverter o rumo dos combates.

Em 1945, terminada a guerra, num cenário de otimismo e de esperança, em relação à derrocada das ditaduras na Europa, o Brasil defrontava-se com a relutância de Getúlio Vargas em adequar-se ao novo quadro institucional e democrático que estava surgindo no cenário internacional. Em 01 de dezembro de 1944 *O Estado de São Paulo*, vítima de uma longa intervenção por parte da ditadura do Estado Novo, viu-se obrigado a noticiar mais um protótipo da megalomania varguista, cuja finalidade era a de desviar a atenção, em relação aos graves problemas que o país vinha enfrentando. Tratava-se de uma obra grandiosa, mas que jamais sairia das pranchetas da burocracia estatal. No caso tratava-se da construção de uma versão nacional do suntuoso conjunto Radio City de Nova York. O similar nacional, tal como a maioria das iniciativas do regime autoritário, iria receber o nome do ditador.

Segundo se noticia o Auditório Getúlio Vargas a ser construído na Lapa ocupará um quarteirão. Terá 25 andares e dois auditórios para 6.000 e 2.000 pessoas respectivamente. Nele serão instalados estúdios de rádio e televisão. [...] foi convidado o arquiteto Hermann (sic) que foi o planejador do Radio City o maior edifício do mundo.

Em 29 de outubro de 1945, um golpe militar depôs Getúlio Vargas, dando fim a uma longa ditadura iniciada em 1930. Com a deposição teve fim o período repressivo e de censura aos meios de comunicação, exercido principalmente pelo temido DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda). A classe intelectual abanou o pó acumulado em uma infinidade de obras, cuidadosamente engavetadas por mais de uma década, tratando de colocá-las no mercado. Ao mesmo tempo as rotativas voltaram a imprimir toda espécie de jornais, revistas e livros, finalmente libertos da censura. O índice de leitura aumentou rapidamente, surgindo em decorrência novas livrarias, editoras, suplementos culturais, ampliando inclusive o circunscrito segmento do comércio cultural. Arte e cultura transformaram-se em negócio rentável.

Seria como um componente a mais, inserido nesse ambiente marcado pela euforia do crescimento e modernidade, mesclado por inúmeras iniciativas artísticas e culturais, que o modelo de televisão a ser implantado no Brasil precisa ser analisado. Num cenário de tal complexidade a introdução de elementos “modernizantes”, como seria o caso da televisão,

resultaria na proliferação de hábitos culturais direcionados a um estrato socialmente privilegiado e de grande apego ao que de mais atual ocorria no mundo ocidental, fazendo com que a embrionária indústria cultural brasileira absorvesse o processo oferecendo ao mercado consumidor, uma diversidade de produtos culturais, produzidos em larga escala. O consumo dessa produção propiciou, ao menos, uma percepção de ascensão cultural e social, estimulando o surgimento de expectativas ainda mais sofisticadas de ascensão social. Nesse cenário a introdução da televisão, sob o viés da iniciativa privada, desempenharia importante papel transformador no que diz respeito à substituição de padrões e valores de caráter essencialmente assistencialistas, paternalistas e conservadores, manipulados anteriormente pelo estado autoritário, dando vez a processos essencialmente mercadológicos, oriundos do exterior e gerido no Brasil por forças capitalistas de ponta.

Caberia à denominada Indústria Cultural papel fundamental nesse processo, qual seja, a materialização de um modo de pensar e agir consistente e estável, que pudesse reger um processo harmonioso de superação do enorme *gap* entre as classes sociais. Na ótica de Assis Chateaubriand⁷ havia de se considerar, além do estatismo, alguns traços peculiares e intrínsecos à conduta da maior parcela do empresariado brasileiro, qual seja a busca desenfreada e irracional pelo lucro exorbitante; a exploração da mão de obra barata; o temor da concorrência de qualquer espécie; a profunda aversão ao risco e à inovação tecnológica e o atrelamento histórico às benesses do poder público, de quem dependia para obter financiamentos em condições privilegiadas e, acima de tudo, a proteção do capital através de privilégios protecionistas. Em síntese um estilo radicalmente contrário aos postulados liberais do capitalismo moderno, postura que Chateaubriand sintetizou com sua proverbial verve:

A burguesia brasileira não sabe viver e, o que é pior, não sabe nem morrer. Não sabe viver porque dissipa seus bens consigo própria, sem saber o significado da palavra *mecenato*, sem se preocupar sequer com o destino do vizinho que mora na casa em frente. E não sabe morrer porque no último suspiro lega aos filhos exatamente esses mesmos e lamentáveis padrões. (MORAIS, 1994, p.358).

⁷ Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo nasceu em 1892 em Umbuzeiro (Paraíba). Foi empresário, advogado, jornalista, senador, colecionador de obras de arte e diplomata. Formado pela Faculdade de Direito do Recife em 1913 colaborou ainda jovem em vários jornais pernambucanos. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1917. Em 1924 adquiriu seu primeiro jornal dando início à formação de um império midiático denominado “Diários e Emissoras Associados”, a maior rede de comunicações do Brasil nas décadas de 1930 a 1960. Era constituída por diversos jornais, revistas, emissora de rádio e de televisão, espalhados por todo o país, além de contar com uma agência de notícias própria. Faleceu em 1968.

Os fatos que levaram à concretização do sistema de televisão, implantado nos Estados Unidos, são fundamentais para o entendimento das razões implícitas no processo análogo que seria adotado no Brasil, determinado basicamente pelos interesses de Assis Chateaubriand que, assessorado por personagens fundamentais na introdução da televisão comercial nos Estados Unidos como David Sarnoff , Mead Brunett (presidente da RCA Internacional) e do cientista Vladimir Zworykin , além da proximidade pessoal que Chateaubriand tinha com David Rockefeller , nada menos que o proprietário da RCA e da NBC. Com um apoio desse porte tratou o empresário brasileiro de conduzir, à sua maneira, sem interferência da burocracia estatal, as etapas técnicas e jurídicas necessárias à implantação da televisão comercial no Brasil que ocorreria no final do ano de 1950. ⁸

Caberia, contudo, a dois radioamadores, genuinamente brasileiros, o feito de colocar no ar as primeiras imagens de televisão produzidas pelo sistema eletrônico no Brasil. Eduardo Ferreira da Rocha e Olavo Bastos Freire, parceiros no radioamadorismo, tiveram trajetória similar na vida profissional, ambos iniciando carreira como aprendizes em oficinas especializadas em montagem e reparo de aparelhos de rádio, migrando posteriormente para a iniciativa comercial e ensaios relacionados à geração e recepção de imagens ao vivo.

Eduardo Ferreira da Rocha ficou conhecido, a partir de 1923, na produção artesanal de receptores de rádio que permitiam sintonizar a primeira emissora brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Em consequência das atividades profissionais, e a leitura de publicações importadas, adquiriu conhecimento com o que de mais recente estava ocorrendo nos Estados Unidos e Europa, no sentido de agregar imagem à transmissão de áudio. Enfronhado num ambiente favorável ao desenvolvimento de novos conhecimentos, e com livre acesso a firmas importadoras de suprimentos radiofônicos, passou a adquirir os componentes necessários para montagem de um transmissor e receptor de imagens. Seu equipamento seria destaque na edição de fevereiro de 1946 da revista *Antenna*, em matéria com o título “O primeiro aparelho de Televisão no Brasil”. Segundo a revista:

⁸ O fato geraria uma situação esdrúxula, pois, no período de 1950 a 1952, três emissoras de televisão funcionaram no Brasil, sem que houvesse um sistema regulatório ou qualquer padrão técnico a ser seguido. Pura e simplesmente transportou-se para o Brasil a tecnologia disponível no mercado norte-americano, inclusive a própria legislação adotada e respectivos padrões e regulamentos.

Após o advento da televisão com varredura eletrônica, os equipamentos com varredura, tal como aquele construído por Edgard Roquette Pinto no início dos anos 30, se tornaram apenas mera curiosidade. Em 1946, um grupo de entusiastas, coordenado pelo radio-amador Eduardo Ferreira da Rocha – PY 2 CL – construiu o primeiro sistema completo de transmissão e recepção de televisão no Brasil.

Uma excepcional oportunidade surgiria em 1946, ao ser contratado pela Panair do Brasil para trabalhar, como técnico de rádio, naquela que era na época a mais importante empresa aérea da América do Sul. Passou a ter facilidade para trazer para o Brasil o que de mais recente vinha sendo anunciado nas publicações estrangeiras, resultando em sensível progresso em suas experiências, a ponto de ser objeto de matéria de cinco páginas e dez fotos em *O Cruzeiro*. A reportagem intitulada “A radiotelevisão surge no Brasil”, publicada na edição de 26 de junho de 1948, ressaltava o fato do:

[...]modesto morador do Bairro Catumbí do Rio de Janeiro constituir um verdadeiro herói por construir por conta própria e à custa de biscates, um equipamento completo de radiotelevisão, o primeiro existente no Brasil.

Uma análise meticulosa das fotos publicadas permite constatar a sofisticação dos equipamentos, e a qualidade das imagens que foram obtidas no momento da entrevista. Eduardo Ferreira da Rocha pode, portanto, ser considerado, exemplo típico de fiel seguidor dos princípios defendidos por Roquette Pinto, que apregoava o uso exclusivo dos meios eletrônicos para fins educacionais e culturais, não admitindo qualquer espécie de interferência comercial na veiculação.

Olavo Bastos Freire, mineiro de Juiz de Fora, e parceiro de Eduardo Ferreira da Rocha tinha uma visão diferente e mais próxima da modalidade de transmissão de televisão que viria a ser adotada no Brasil. A trajetória de formação profissional foi similar à do colega carioca, tendo passado pelo estágio de funcionário em loja de venda e reparos de aparelhos de rádio, alçando um novo patamar em 1940 quando se tornou proprietário de um estabelecimento comercial especializado no ramo. Em meados de 1945 iniciou, por conta própria, a montagem de um transmissor de imagens utilizando o recém-lançado iconoscópio desenvolvido por Vladimir Zworynki e que a RCA acabara de colocar a venda no mercado norte-americano. Graças ao apoio de Eduardo Ferreira da Rocha conseguiu trazer para Juiz de Fora, um kit completo incluindo o iconoscópio e demais componentes necessários. Em agosto de 1947 conseguiu transmitir imagens fixas em circuito fechado e, logo a seguir, passou a operar em circuito aberto. Em 28 de setembro de 1948 concretizou

aquela que é considerada a primeira transmissão de televisão eletrônica no Brasil. No dia seguinte o *Diário da Noite* registrou o acontecimento:

Inteiramente construído em Juiz de Fora por um radio-técnico juizforense de nascimento, acha-se instalado desde sábado último, nesta cidade, e funcionando publicamente, um aparelho de radio-televisão. O construtor desse primeiro aparelho a funcionar no Brasil publicamente, feito por um brasileiro, é o sr. Olavo Bastos Freire, residente à rua Fonseca Hermes, 146. Esse jovem radio-técnico estudou a matéria por conta própria e a cerca de três anos vem se dedicando a construção de seu aparelho. A primeira experiência do sr. Olavo Freire foi feita em 1945, apenas com a televisão. O fato está despertando viva curiosidade em Juiz de Fora. Ontem o aparelho foi inaugurado publicamente na presença de autoridades locais. Na sessão de hoje da Câmara Municipal vários oradores se ocuparam da façanha técnica da terra.

As transmissões em Juiz de Fora tiveram continuidade por um bom tempo, como comprova notícia publicada por *A Noite*, na edição de 22 de maio de 1950, dando conta que no dia anterior havia sido televisionado o “match entre as equipes de football do Bangu e do Tupi” daquela cidade. Caberia ainda a Olavo Bastos a primazia de transmitir o primeiro programa de televisão patrocinado por uma empresa comercial (Indústrias Químicas Carlos Pereira), diretamente dos estúdios da Rádio Independência.

Com a inauguração da *TV Tupi* do Rio de Janeiro, em 20 de janeiro de 1951, Olavo Bastos interrompeu suas transmissões em Juiz de Fora e transferiu-se para a capital federal, dando início a um serviço de atendimento domiciliar de reparos em aparelhos de televisão. Tratava-se de ocupação intensamente demandada pelos poucos possuidores da novidade, um equipamento importado, de custo elevado e que necessitava de reparos constantes, em especial as inúmeras válvulas que possuíam curto período de durabilidade. O barateamento dos televisores apenas ocorreria quando da maior presença no mercado da Invictus, empresa de capital nacional e que, em 1951, deu início a montagem de receptores na cidade de São Paulo. A produção da Invictus era bastante limitada, os componentes eram importados em sua totalidade e, somente a partir de 1955, quando passou a produzir a maior parte dos artefatos, conseguiria oferecer preços competitivos com os similares importados, propiciando uma rápida popularização do novo veículo.

O ano de 1950 seria marcado por informações que esboçavam o estágio atingido na disputa pelo pioneirismo em relação à inauguração de um canal de televisão na cidade de São Paulo. Além da *Tupi* de Assis Chateaubriand, participavam da disputa um poderoso grupo empresarial de São Paulo, visando a inauguração da *TV Paulista*. Paulo Machado de

Carvalho, proprietário de diversas emissoras de rádio, entre elas a *Rádio Record*, sinalizou estar entrando na disputa ao inserir, nos principais jornais paulista em 9 de julho de 1950, data comemorativa da Revolução Constitucionalista de 1932, material publicitário noticiando: “Televisão a cores, antes do próximo 9 de julho”.

No *Diário de S.Paulo* um contundente editorial de Assis Chateaubriand, publicado no primeiro dia do ano de 1950, mostrava-se provocativo desde o título: “Siderúrgicas da Televisão: Aviso aos Incautos”. O termo “siderúrgicas” fazia referência a uma espécie de golpe em voga no Brasil, desde o final da guerra, quando o país passou por um intenso processo de industrialização, proporcionando ensejo para a venda de títulos de empresas petrolíferas, automobilísticas, aéreas, telefônicas, cinematográficas, farmacêuticas e mesmo siderúrgicas que jamais saíram do papel, acarretando enormes prejuízos à economia popular:

Devem se precaver os incautos prováveis interessados na subscrição de ações, que empresas de televisão, ora em fase de organização nesta capital, não passam de “siderúrgicas” de outra espécie, pois o teor da publicidade que fazem revela apenas interessados, com argumentos falsos e inconsistentes de vender títulos. Para que o público fique bem esclarecido a respeito de televisão fornecemos-lhe as seguintes informações: a primeira e única estação existente no Brasil encontra-se no Rio de Janeiro, em montagem, pela Radio Tupi daquela capital; a segunda estação, encomendada pela Radio Tupi de São Paulo, encontra-se no porto de Nova York, aguardando embarque.

Por outro lado, o jornal *O Estado de S.Paulo* informava, na mesma data, que a *TV Paulista* acabara de adquirir um edifício, localizado na Avenida Rebouças, próximo da Avenida Paulista, para “instalar os seus transmissores de radiotelevisão e outras dependências”. Na mesma edição material informativo da *TV Paulista* augurava “aos amigos e acionistas um próspero e Feliz Ano Novo”.

Em 12 de junho de 1951, quando o cronograma de implantação da *TV Paulista* apresentava atraso de aproximadamente um ano, a reportagem de *O Estado de S.Paulo* entrevistou Mario Monteiro Diniz Junqueira, diretor-superintendente da emissora e que, em conjunto com o empresário Celso Guimarães Arantes Nogueira, estavam acompanhando no Porto de Santos os tramites para a liberação dos equipamentos enviados pela Standard Electric. Indagado sobre o cronograma de inauguração o entrevistado enfatizou os motivos que impediram a emissora de entrar no ar antes da *TV Tupi*: “O atraso é devido à inexplicável

demora do CEXIM em nos conceder a licença prévia de importação, pois levou 10 meses estudando o assunto”.⁹

Quando, em 18 de setembro de 1950, foi ao ar o sinal definitivo da primeira emissora comercial de televisão da América do Sul, Assis Chateaubriand tinha superado uma extensa série de desafios, desavenças e descréditos, fatores que fatalmente levariam qualquer empresário a desistir da duvidosa empreitada. No discurso que preparou para a solenidade de inauguração do canal 3 (PRF-3 TV Tupi de São Paulo) em 18 de setembro de 1950, reproduzido na íntegra no dia seguinte em todos seus jornais com o título “O sinal de televisão no céu de Piratininga”, cuidou de ressaltar, com singular intuição, o papel que vislumbrava para a televisão no âmbito da sociedade: “A mais subversiva máquina de influir na opinião pública. Uma máquina que dá asas à fantasia mais caprichosa e poderá juntar os grupos humanos mais afastados”.

Superando os entraves que foram surgindo pelo caminho a *TV Paulista* (Canal 5) deu início às transmissões regulares em 14 de março de 1952, constituindo assim a segunda emissora de televisão em funcionamento na capital paulista e dando início a uma renhida disputa pela audiência e cotas de investimentos publicitários. Em 27 de setembro de 1953 seria a vez de Paulo Machado de Carvalho, proprietário em São Paulo de prestigiosas emissoras de rádio: *Record*, *Panamericana*, *São Paulo* e *Excelsior*, inaugurar a *TV Record* (Canal 7), cuja concessão fora concedida em 22 de novembro de 1950. Assim sendo, num curto espaço de três anos, a cidade de São Paulo passou a contar com três emissoras comerciais de televisão em pleno funcionamento. A primeira etapa de implantação da televisão no Brasil estava concluída, resultando na concretização de um ambiente seguro para novos investimentos, seja na essência do veículo, enquanto componente tecnológico, bem como nos segmentos artístico e publicitário, ensejando o início de uma trajetória ao mesmo tempo inventiva e controvertida.

Referências:

MORAIS, Fernando. **Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

WU, Tim. **Impérios da Comunicação: do telefone à internet, da AT&T ao Google**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

⁹ Em 1947 o governo Dutra adotou um mecanismo protecionista para a indústria nacional. Criava a exigência de obtenção de licença prévia para os procedimentos de importação. As liberações das divisas solicitadas só ocorriam após o exame, caso a caso, dos pedidos de importação e eram feitas por dois órgãos do Banco do Brasil: a Carteira de Exportação e Importação (Cexim) e a Fiscalização Bancária (Fiban).

